SAÚDE E MAL-ESTAR DO(A) TRABALHADOR(A) DOCENTE

Profa. Dra. Ada Ávila Assunção
adavila@medicina.ufmg.br
Membro do GESTRADO – FaE/UFMG
Professora da Faculdade de Medicina da UFMG
Pesquisadora do CNPq

Introdução: A literatura mundial especializada no perfil de morbidade dos professores apresenta resultados convergentes de estudos realizados em populações distintas geograficamente no que diz respeito à exposição aos fatores ambientais e às características sócio-demográficas dos sujeitos estudados. Este artigo apresenta os resultados do projeto *Trabalho docente: as condições de realização e os efeitos sobre a saúde dos professores,* o qual está constituído em duas pesquisas combinadas. **Métodos** A primeira de caráter qualitativo descreveu as condições de trabalho em 64 escolas destinadas ao ensino fundamental onde estão presentes os professores que responderam ao questionário da pesquisa epidemiológica. A segunda de caráter epidemiológico investigou por meio de questionário auto-aplicado a percepção de 1.980 professoras das escolas da amostra quanto às condições de trabalho e percepção do estado de saúde. **Resultados** A avaliação pelo pesquisador da sala selecionada evidenciou que em 48 escolas (75%) existe ruído de fundo (RF) durante o desenvolvimento das atividades, em 24 escolas (21%) os professores não estão expostos a RF durante as atividades. Em 49 (76%) das escolas a ventilação ambiente encontrava-se satisfatória, em 15 (24 %) a ventilação encontrava-se não satisfatória. Sobre o conforto térmico (CF) viu-se que 52 escolas (80%) oferecem conforto térmico, e em 13 (20%) não há conforto térmico. Para o fator iluminação, em 57 escolas (89%) encontrava-se satisfatória, em 7 (11%) encontrava-se não satisfatória. Em 60 escolas (94%) o estado das paredes encontrava-se satisfatório, em 4 (6%) não satisfatório. A prevalência de 66% de disfonia na amostra do inquérito epidemiológico é compatível com achado de outros estudos. As análises estatísticas evidenciaram associação forte e com gradiente de intensidade positivo entre todas as variáveis ambientais e a presença de transtorno mental ™. As professoras que presenciaram episódio de agressão praticado na escola tiveram mais chance de

apresentarem TM quando comparadas àquelas que nunca vivenciaram episódios de agressão no ambiente escolar. No modelo final, a presença de TM manteve-se associada com a percepção de ruído elevado e insuportável na sala de aula. **Conclusão** A inadequação ou insuficiência das condições de trabalho geram obstáculos ao desenvolvimento do trabalho docente e mostraram-se associadas a problemas de saúde na população alvo e podem explicar, ao menos em parte, as manifestações do mal-estar docente.

Palavras-chave: Saúde, Trabalho docente, Condições de Trabalho.

Introdução

A saúde é um traço que caracteriza os vários grupos humanos. Existem evidências de que as diferenças em saúde estão relacionadas aos fatores sociais que configuram as condições de vida das comunidades. O trabalho é determinante das condições gerais de vida e, ele mesmo, é influenciado pelas condições específicas do ambiente físico e organizacional no qual se desenvolve para produzir bens e serviços.

O termo condições de trabalho designa as circunstâncias em que o trabalho é realizado. O termo pode parecer genérico. No entanto, condições de trabalho configuram o núcleo de vários inquéritos destinados a promover a saúde das populações (IRSST, 2006; CHAN, 2004; DERRIENIC; TOURANCHET; VOLKOFF, 1996; CAMPOS, 1993). As condições de trabalho incluem as condições de emprego, e as pressões e os constrangimentos presentes no ambiente físico e organizacional em que as tarefas são desenvolvidas. As condições de emprego dizem respeito à natureza da relação entre o empregador (ou a empresa) e o empregado. No mundo contemporâneo, a força de trabalho encontra-se distribuída desigualmente quanto às características contratuais do emprego (contrato trabalho-padrão, terceirizado, temporário ou ausência de contrato), às quais correspondem condições de trabalho diferenciadas como extensão e horário do/e trabalho, e níveis de proteção como acesso à informação sobre a exposição aos riscos ambientais, garantias em períodos de licenças médicas etc. (EASHW, 2000).

Em nossa sociedade, os processos de trabalho são desenvolvidos sob circunstâncias particulares, as quais, na maioria das vezes não se constituem objeto de debate e permanecem invisíveis aos olhos da gestão dos sistemas. O reconhecimento de determinadas circunstâncias como sendo condições de trabalho tem relação direta com o enfrentamento das forças sociais contraditórias que norteiam os processos produtivos, incluídos a produção de serviços escolares.

Os indicadores das condições de trabalho e as plataformas que visam a sua transformação dependem de lutas organizadas dos trabalhadores, ou, por vezes, são necessárias ao avanço técnico. Exemplificando, no primeiro caso cita-se a contribuição dos sindicatos dos trabalhadores da informática no Brasil para o

reconhecimento institucional do adoecimento dos trabalhadores e para a formulação de arcabouço legal visando a proteção dos ambientes com computadores. No segundo, assistimos aos impulsos para isolamento das cabines de pintura nas fábricas de automóveis a fim de oferecer produtos de melhor aparência e durabilidade com reflexos, no nível da fábrica, na emissão de névoas químicas nocivas.

Sob esse prisma, entende-se que as circunstâncias de realização de um determinado trabalho são definidas e (re) conhecidas (ou negadas) como condições de trabalho em um determinado contexto histórico-social. Por isso, as condições de trabalho não são dadas *a priori*, estão abertas a novos critérios e não são inerentes aos processos de trabalho, pois marcadas pela sua historicidade.

Os objetivos do ensino-aprendizagem dependem não apenas das estratégias pedagógicas, mas também das condições de realização do trabalho que constituem o foco do projeto que originou este artigo. Os projetos educacionais têm se ocupado mais da organização do sistema escolar e do ensino centrado no saber e no desenvolvimento dos conteúdos, com ênfase para o aprimoramento dos recursos pedagógicos sem considerar o esforço empreendido pelos professores para compensar a ausência ou deficiência dos meios e de facilitadores necessários (MARTINEZ, 2003).

Apesar da ênfase nas habilidades e competências individuais do docente quando o debate gira em torno dos eventos nas escolas e de suas repercussões sobre os projetos educacionais, os estudos recentes revelam inadequações entre os objetivos da *educação para todos* e as condições de trabalho existentes (ASSUNÇÃO, 2003).

A abordagem dos ambientes escolares (físicos e organizacionais) em detrimento das análises fortemente centradas na vocação profissional dos docentes (competências dos professores/as) está presente nos estudos epidemiológicos cujos resultados evidenciam a existência de uma associação entre as queixas de saúde e as condições de trabalho (MEDEIROS et al. 2007; GASPARINI, 2005; 2006; PORTO, 2004; SAUTIER et al., 2005; DELCOR, 2004; REIS, 2004; ARAÚJO et al., 2003; CHAN, 2003).

As hipóteses de uma associação entre condições de trabalho e a saúde docente serão tratadas neste artigo tendo como base a validade externa dos estudos citados sobre o perfil de morbidade dos grupos de professores/as e das

evidências de associação entre as morbidades conhecidas e a exposição aos fatores ambientais.

A sensação de fadiga e de frustração freqüentemente relatadas pelos professores (NORONHA; ASSUNÇÃO; OLIVEIRA; 2008; NEVES; SILVA; 2006; SCHONFELD; 2001) estão na base do mal-estar docente (ARAÚJO et al., 2005; SALANOVA et al., 2003; ESTEVE; 1999). O mal estar docente pode ser explicado pela presença de obstáculos relacionados ao volume de trabalho e à precariedade das condições existentes, mas também as altas demandas no trabalho, incluindo as demandas emocionais, junto à uma expectativa social de excelência, cujo limite é exigir do professor uma atuação capaz de reverter a situação na qual se encontra.

O desenho investigatório deste estudo foi orientado pelas hipóteses já aventadas e busca ultrapassar os horizontes disciplinares da área da saúde para alcançar dispositivos analíticos no campo de estudo das políticas educacionais. A aproximação tanto conceitual quanto prática a esse campo permite aprender sobre a introdução na escola de novas exigências e sobre o processo de transformação da atividade determinado pela requisição de competências específicas a partir dos anos 1980.

Metodologia

Reconhecendo as complexas relações entre trabalho e saúde e os entraves metodológicos quando as investigações objetivam evidenciar possíveis associações entre uma dimensão e outra, principalmente, no tocante aos limites dos estudos transversais e as dificuldades práticas na condução de estudos longitudinais, este artigo apresenta os resultados de um projeto multi-métodos (MILES; HUBERMAN, 1994) que combina estudos quantitativos e qualitativos adotando-se uma perspectiva interdisciplinar.

Integrado ao projeto *Gestão Escolar e Trabalho Docente* desenvolvido ao longo dos cinco últimos anos na Faculdade de Educação da UFMG foi articulado ao nível quantitativo - inquérito epidemiológico - o nível qualitativo que se deu no plano da observação direta com ajuda de um protocolo, objetivando descrever as condições de trabalho concretas nas escolas selecionadas.

As observações (componente 2) foram realizadas em 64 escolas entre as 76 que constituíram a amostra do inquérito epidemiológico (componente 1) de

cinco regiões de Belo Horizonte onde estão localizadas 93 escolas. O objetivo das observações foi trazer dados para enriquecer a discussão dos resultados do inquérito baseado em questionário auto-aplicado, o qual foi realizado em fase anterior. Os resultados do inquérito já publicados evidenciaram associações fortes entre as condições de trabalho e disfonia (JARDIM et al., 2007; MEDEIROS et al., 2007) e entre condições de trabalho e transtornos mentais auto-percebidos (GASPARINI et al., 2005; 2006) na população alvo. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG em 05 de outubro de 2004 (Parecer n.º 240).

Procedimentos de coleta de dados quantitativos com uso de questionário auto-aplicado (componente 1)

Um estudo epidemiológico de corte transversal foi realizado buscando conhecer a prevalência e os fatores associados à disfonia e aos transtornos mentais, entre as professoras das escolas da amostra. O estudo abrangeu uma amostra aleatória simples das 93 escolas municipais localizadas nas regiões Pampulha, Leste, Norte, Noroeste e Nordeste que estavam em funcionamento em 2004. Nenhuma das 88 escolas das regionais Centro-Sul, Oeste, Venda Nova, Barreiro foi selecionada (FIG. 1).

Todas as escolas da regional Nordeste foram estudadas. Para as demais regionais (Leste, Pampulha, Norte e Noroeste), estudaram-se entre 42 a 91 % do total das escolas que compunham o universo, sendo escolhidas por sorteio. Ao todo, foram estudadas 76 escolas (FIG 1).

Para representatividade da amostra, objetivou-se a inclusão de, no mínimo, 80% dos professores na ativa em cada escola sorteada pertencente à uma das regionais selecionadas, nos turnos de interesse. Nas escolas onde a taxa de resposta foi inferior a 80%, realizaram-se outras visitas para recuperação das perdas. As regionais que, após sucessivos retornos às escolas, não alcançaram a taxa de resposta requerida, não foram incluídas neste estudo.

Em cada escola, antes da aplicação do questionário, as professoras foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, sobre a instituição responsável e sobre o caráter voluntário e sigiloso da participação de cada um. Procedia-se, então, à entrega da carta convite e consentimento livre e esclarecido e do questionário.

O questionário foi entregue em envelope individual e, em função das questões abordadas, para evitar constrangimento às professoras ou para evitar resistência e obter maior adesão ao estudo, não houve a identificação do respondente.

Procedimentos de coleta de dados qualitativos com uso de protocolo (componente 2)

O protocolo utilizado pelo pesquisador consta de trinta questões distribuídas em seis blocos organizados por tema, sendo eles: Identificação da escola; Condições de trabalho; Condições gerais da escola; Condições da biblioteca; Laboratório de informática; Recursos de apoio pedagógicos.

A coleta de dados ocorreu entre maio de 2004 e julho de 2005, em meses não consecutivos por meio de visitas realizadas nas escolas selecionadas. Em relação ao inquérito epidemiológico que abrangeu 76 escolas, houve perda de 12 escolas na fase de observações diretas. A perda é explicada pelos casos em que o pesquisador encontrou dois tipos de obstáculos para o acesso às dependências da escola: 1) horários de pleno funcionamento coincidentes com as visitas; 2) ausência de um agente da escola para acompanhar a coleta de dados.

Em cada escola da amostra, antes da visita às instalações para coleta dos dados, a direção foi informada sobre os objetivos da pesquisa, sobre a instituição responsável. Procedia-se, então, à entrega da carta convite e consentimento livre e esclarecido ao diretor da escola. Diante da heterogeneidade das salas de aula de cada escola quanto às condições ambientais, decidiu-se por tomar como referência o estado da sala reservada à biblioteca para a avaliação do ruído, iluminação e conforto térmico.

FIGURA 1: Distribuição das escolas municipais segundo participação no estudo por região da RMEBH, 2004/2005

Regionais	Total de escolas	Questionários auto-		Observação
		Escolas	Professores	Escolas
Pampulha	11	11	355	8
Leste	17	12	305	11
Norte	19	13	329	8
Noroeste	20	14	330	11
Nordeste	26	26	661	26
Total	93	76	1.980	64

Resultados do inquérito epidemiológico

Participaram dessa pesquisa 1.980 professoras do ensino fundamental diurno do 1º ao 3º ciclos. A taxa de resposta média foi de 87%. A idade média das professoras foi de 41 anos (DP= 8), a maioria casada ou em união consensual (58%) e com filhos (71%). Quase todas tinham curso superior (94%), 50% pós-graduação e 46% renda pessoal mensal até R$1.600,00. O uso de medicamento para depressão ou ansiedade e para alterações do sono foi relatado por, respectivamente, 23% e 11% das professoras.

A prevalência de alteração vocal mesurada pelo relato de sintomas de fadiga vocal e de piora na qualidade da voz foi de 66%. Com relação à carga de trabalho, aproximadamente 40% das professoras lecionavam em mais de uma escola e em mais de um ciclo. A maioria lecionava em dois turnos (65%) e cerca de 11% exercia outra função na mesma escola e possuíam outra atividade remunerada, além do trabalho docente.

Aproximadamente, metade das professoras relatou ruído elevado e insuportável na sala de aula ou dentro da escola, 19% referiram-se ao ruído gerado fora da escola como elevado e insuportável. A ventilação na sala de aula foi considerada precária por 25% das professoras, a iluminação precária por 13% e, 8% consideraram ruins as condições das paredes das salas de aula (FIG. 2). Quando pesquisados sobre a sua percepção acerca do exercício do trabalho docente, 20% das professoras relataram ter pouca margem de autonomia, 11% pequena margem de criatividade, 36% pouco tempo para o preparo das aulas e 44% pouco tempo para a correção de trabalhos

As professoras presenciaram episódios de agressão no último ano nas escolas envolvendo alunos (71%), pais de alunos (53%), funcionários ou professores (15%) e pessoas externas à escola (48%).

FIGURA 2 – Distribuição das respostas das professoras quanto às condições ambientais da sala de aula e da escola

Variáveis do ambiente escola		
Ruído gerado na sala c	**Sim**	**%**
Desprezível e razoável	976	49,54
Elevado e insuportável	994	50,46
Ruído gerado na escola		
Desprezível e razoável	1.015	51,58
Elevado e insuportável	953	48,42
Ruído gerado fora da e		
Desprezível e razoável	1.603	81,45
Elevado e insuportável	365	18,55
Ventilação na sala de aula		
Satisfatória	605	30,71
Razoável	872	44,26
Precária	493	25,03
Iluminação na sala de aula		
Satisfatória	776	39,33
Razoável	932	47,24
Precária	265	13,4

3

Obs: o total da soma dos participantes apresenta pequenas variações devido às perdas

Trabalhar em dois turnos foi associado aos transtornos mentais. Quanto ao ambiente físico da escola e à percepção sobre o trabalho pelas professoras, todas as variáveis apresentaram associação forte e com gradiente de intensidade positivo com o transtorno mental. No modelo final, a presença de transtorno mental manteve-se associada com a percepção de ruído elevado e insuportável na sala de aula e gerado na escola.

Os resultados mostram que as professoras que presenciaram um ou mais de um episódio de agressão praticado na escola por alunos, pais de alunos, professores ou funcionários e mais de um episódio praticado por pessoas externas à escola têm mais chance de apresentarem transtorno mental quando comparadas àquelas que nunca vivenciaram episódios de agressão no ambiente escolar. Problemas razoáveis ou ruins de relacionamento com superiores, colegas, alunos ou pais de alunos também foram associados à presença de transtorno mental.

Resultados do protocolo de avaliação direta das condições de trabalho

A avaliação pelo pesquisador da sala selecionada em cada escola evidenciou que em 48 escolas (75%) existe ruído de fundo (RF) durante o desenvolvimento das atividades, em 24 escolas (21%) os professores não estão expostos a RF durante as atividades. Em 49 (76%) das escolas a ventilação ambiente encontrava-se satisfatória, em 15 (24 %) a ventilação encontrava-se não satisfatória. Sobre o conforto térmico (CF) viu-se que 52 escolas (80%) oferecem conforto térmico, e em 13 (20%) não há conforto térmico. Para o fator iluminação, em 57 escolas (89%) encontrava-se satisfatória, em 7 (11%) encontrava-se não satisfatória. Em 60 escolas (94%) o estado das paredes encontrava-se satisfatório, em 4 (6%) não satisfatório (FIG. 3).

FIGURA 3 - Condições ambientais das escolas municipais da amostra por regional da RMEBH, 2004/ 2005.

	Pampulha		Nordeste		Noroeste		Leste		Norte		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Ruído de fundo												
Sim, durante todo o dia	3	38	8	31	3	27	3	27	7	88	24	21
Sim, parte do dia	5	63	9	35	6	55	4	36	0	0	24	21
Subtotal	8	100	17	65	9	82	7	64	7	88	48	75
Não	0	0	9	35	2	18	4	36	1	13	16	25
Ventilação												
satisfatória	6	75	21	81	7	64	10	91	5	63	49	76
não satisfatória	2	25	5	19	4	36	1	9	3	38	15	24
Conforto térmico												
Sim, durante todo o dia	3	38	18	69	4	36	6	55	4	50	35	30
Sim, parte do dia	4	50	5	19	2	18	4	36	2	25	17	15
Subtotal	7	88	23	88	6	55	10	91	6	75	52	80
Não	1	13	3	12	5	45	1	9	2	25	12	20
Iluminação												
satisfatória	7	88	24	92	10	91	11	100	5	63	57	89
não satisfatória	1	13	2	8	1	9	0	0	3	38	7	11

Conservação de paredes, portas, janelas, piso												
satisfatória	8	100	25	96	8	73	11	10	8	100	60	94
não satisfatória	0	0	1	4	3	27	0	0	0	0	4	6
Total	8	100	26	100	11	100	11	10	17	100	64	100

Discussão

A identificação das condições de trabalho nas escolas como sendo elementos fundamentais para a melhoria do ensino e para a saúde dos docentes enfrenta resistências concretas, a arquitetura dos prédios onde funcionam as escolas, por exemplo. Os dados sobre a presença de ruído obtidos por meio do questionário auto-aplicado e identificados por observação direta são convergentes e estão relacionados aos transtornos mentais descritos. Foi identificado ruído de fundo durante a realização das atividades em dois terços das escolas estudadas por observações diretas e quase a metade das professoras que responderam ao questionário o consideraram elevado e insuportável. Essa cifra sobe quando perguntadas sobre o ruído gerado na sala de aula, o qual foi considerado elevado e insuportável por 50,46 das respondentes.

Os dados sobre ruído ambiental podem ser confrontados aos resultados sobre a prevalência de 66% de disfonia na amostra do inquérito epidemiológico. A alta prevalência dos sintomas vocais é citada na literatura disponível. É possível afirmar que o exercício da docência exige uma demanda aumentada do uso da voz, quer pelo seu uso por tempo prolongado, quer para sobressair ao ruído de fundo presente nos ambientes de sala de aula (SMITH et al., 1998; PEREIRA; SANTOS; VIOLA et al., 2000; SIMÕES, 2000; DUFFY; HAZLETT, 2004; ARAÚJO et al., 2005).

O estudo de Thibeaut et al. (2004) em uma amostra de professores de Utah e Iowa indicou as várias fontes de ruídos que se associavam aos distúrbios vocais: ruídos de ventiladores, aparelhos de ar condicionado e de aquecimento,

ruídos transmitidos de fora dos prédios escolares, barulhos de outras salas de aula, e ruído das próprias crianças em sala.

A composição da sala de aula e os períodos letivos podem expor o professor a um risco vocal de grau moderado a elevado (BEHLAU; AZEVEDO; PONTES, 2001). A carga horária extensa a que os professores muitas vezes se submetem contribui como fator de risco para o surgimento de alterações vocais (PORDEUS; PALMIRA; PINTO, 1996), embora resultados já publicados no âmbito deste projeto não tenham mostrado esse efeito, sinalizando a divergência de achados na literatura (MEDEIROS; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006)

Para os estudiosos da voz, o docente usa recursos dependentes da qualidade vocal para manifestar sua autoridade e exercer influência na relação com seus alunos (DRAGONE *et al.,* 1999). O controle da turma dependeria da capacidade do/a professor/a em fazer uso da voz em sala de aula e de apresentar uma psicodinâmica vocal que transmita confiança, autoridade e sabedoria (BEHLAU; DRAGONE; NAGANO; 2004).

Os problemas de disciplina escolar que o/a professor/a enfrenta podem explicar o recurso à sobrecarga vocal para controlar a sala de aula. Em sala de aula as professoras modificam a qualidade vocal por meio de modulações variadas, executando diversos tipos de voz e recorrendo a ajustes motores dos órgãos fonoarticulatórios (LUVIANELLO; ASSUNÇÃO; GAMA; 2006). Os dados sobre as agressões vivenciadas pelas professoras da amostra são indícios das situações cotidianas de sobrecarga emocional derivada das exigências de investimentos pessoais dos professores em suas relações com alunos, pais dos alunos e comunidade (NORONHA; ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2008; BARRÉRE, 2002; NEVES; SILVA, 2006). Há indícios de que o estresse interfere na produção vocal e na evolução da disfonia.

As agressões estão relacionadas à má adaptação do curso à turma, às falhas técnicas dos cursos, ao obscurantismo ou falta de estrutura das vidas dos alunos, de suas famílias e de suas comunidades (BARRÈRE, 2002). No estudo de NORONHA, ASSUNÇÃO e OLIVEIRA (2008), as professoras, depois de intervirem inúmeras vezes para separar brigas de alunos em sala de aula, deixam, outras vezes, de dar atenção ao fato. Ou seja, há um momento em que elas ignoram os eventos de indisciplina, parecendo expressar uma estratégia para lidar, no seu limite, com o cansaço e os seus efeitos. O aparente desligamento seria uma

manifestação de sofrimento diante de uma situação que requereu à exaustão a sua energia.

Segundo Barrére (2002), a professora convive com a fragilidade da relação de seus alunos com os saberes, pois a abertura da escola a novos contingentes da população trouxe novos desafios ao garantir entrada de alunos com pouco interesse pelos saberes disciplinares. As restrições de acesso do universo familiar à cultura escolar e o consumo de produtos culturais de massa sob o signo da imagem e do som estão na base dos comportamentos alheios aos objetivos pedagógicos. Superar essa realidade é crucial para a motivação do aluno que precisa ser convencido da importância do seu esforço em vencer as dificuldades e abrir-se para a dedicação. Sabendo disso, os/as professores/as recorrem à hipersolicitação de sua capacidade vocal (LUVIANELLO; ASSUNÇÃO; GAMA; 2006).

A gestão da sala de aula é considerada nos projetos educacionais como sendo dependente da expertise pedagógica e das competências individuais e de relacionamento e, pouca ênfase é dada às condições de trabalho. Para a gestão escolar, o professor deverá ser preparado e formado e estimulado a exerce o pleno domínio da sala de aula. Diante das falhas como desatenção ou atraso do aluno, o professor é chamado a se qualificar para desenvolver as competências necessárias para retomar o controle da sala de aula e para o pleno exercício de desenvolvimento do conteúdo e do programa de ensino. No entanto, os dados evidenciados neste estudo convocam intervenções ambientais e modelos atualizados para a alocação do efetivo e dos recursos materiais. Funções de auxiliar de ensino, bibliotecária, ajudante de secretaria, pedagogo costumam ser exercidas por apenas um profissional, não sendo incomum a ausência de todo esse pessoal no dia-a-dia da escola.

As transformações do ensino e os objetivos da escola já citados repercutem diretamente sobre a organização do trabalho escolar, gerando dispêndio de maior tempo do professor para atendimento aos alunos e reuniões com colegas para planejamento e avaliação do trabalho. Sem aumentar o efetivo, as novas demandas acabam se traduzindo numa intensificação do trabalho, pois obrigam o indivíduo a responder a um número maior de atividades em menor tempo.

Dentre as questões que envolviam a saúde vocal, Silvany-Neto et al. (2000) constataram associação positiva com os seguintes aspectos relacionados

ao trabalho: ambiente intranqüilo e estressante, desgaste na relação professor-aluno, salas inadequadas, trabalho repetitivo, desempenho das atividades sem materiais e equipamentos adequados, e pó de giz.

O ambiente físico da escola e os episódios de agressões vivenciados também foram associados aos transtornos mentais. Essas evidências demandam centrar o foco sobre aos recursos externos e rever as práticas da gestão que são fortemente centradas sobre as competências quando o tema é a qualidade de vida no trabalho ou a qualidade do ensino.

As condições de trabalho precárias e a baixa remuneração oferecidas nas diferentes redes e níveis de ensino refletem o não reconhecimento ao trabalho docente e se constituem em fonte de mal-estar do professor e da professora. As professoras se ressentem da falta de reconhecimento pelo investimento pessoal para dar conta dos desafios da sala de aula e das metas das reformas, nem sempre compatíveis com as condições existentes. As vivências descritas não passam incólumes para a economia psíquica. O trabalho é um operador da saúde mental, desde que as contribuições coletivas e singulares à organização do trabalho possam ser objeto de uma retribuição simbólica. Trata-se, na teoria da psicodinâmica do trabalho do reconhecimento pelo trabalho realizado (DEJOURS; MOLINIER, 1994).

Em situações ambientais e técnicas precárias cabe ao professor compensar os desequilíbrios estruturais às custas de seus próprios recursos cognitivos e biológicos. A prevalência de disfonia na categoria docente é uma das manifestações que sustenta a hipótese do desgaste e do mal-estar dos professores.

Estresse ou esforço no trabalho foi associado a cinco componentes da qualidade de vida no inquérito de Lerner (1994), sendo eles: funcionamento físico, peso do funcionamento associado à saúde física, vitalidade, funcionamento social e saúde mental.

Estudos recentes focalizam a associação entre eventos do trabalho, entre eles, os estressores ocupacionais, e desfechos relacionados às doenças cardiovasculares. Na mesma direção, a revisão de Tennant (2001) identifica várias e diferentes ocupações associadas a situações de vida estressantes, as quais contribuem para os distúrbios psicológicos.

A perspectiva de encarar a necessidade do aluno em sua aprendizagem soma-se à crítica da abordagem focada na transmissão do saber para modificar a natureza do trabalho em sala de aula e, sobretudo, para autonomizar as tarefas de preparação dotando-lhes de exigências específicas. A distânciaT entre os movimentos de racionalização do trabalho docente e as tensões do cotidiano pode explicar os sintomas mórbidos que manifestam o profundo mal-estar em que os/as professores/as se encontram.

Tudo está relacionado. Para promover a saúde, para educar com saúde, a escola terá de considerar os determinantes sociais da própria saúde. Sem excluir o trabalho, pois a função da escola é prestar um serviço específico à comunidade: ensinar para que os outros aprendam aquilo que – sem o ensino – não poderiam aprender. Portanto, é uma organização que presta serviços. Existem perspectivas de a escola abrir-se a um saudável modelo de gestão compartilhada do trabalho. Seria um bom momento de organização do espaço em torno das necessidades do trabalho e dos trabalhadores da educação.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P.; VIANA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. Revista Baiana de Saúde Pública*;* v. 29, n. 1, p. 06-21, 2005.

ARAÚJO, T.M., REIS, E.J.F.B., KAVALKIEVICZ, C, SILVANY NETO, AM, PARANHO I, CARVALHO, F.M.P, PORTO, L, WERNICK, R. Saúde e Trabalho Docente: dando visibilidade aos processos de Desgaste e adoecimento Docente a Partir da Construção de uma Rede de Produção Coletiva. Educação em Revista, Dossiê: Trabalho Docente 2003; 37: 183-212.

ASSUNÇÃO, A.A. Saúde e condições de trabalho nas escolas públicas. In: Oliveira, A. O. (Organizadora) *Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes*, p. 87-102. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BARRÈRE, A. *Les enseignants* au travail. Routines incertaines. Paris: L'Harmattan, 2002.

BEHLAU, M.; AZEVEDO, R.; PONTES, P. Conceito de voz normal e classificação das disfonias. *In:* BEHLAU, M. *Voz:* o livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.v.1, cap. 2, p. 53-84.

BEHLAU, M.; DRAGONE, M. L. S.; NAGANO, L. *A voz que ensina:* o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

CARLOTTO, Mary S.; PALAZZO, Lílian S. 2006. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. Cadernos de Saúde Pública, 2006, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026.

CAMPOS, C.E.A. Os inquéritos de saúde sob a perspective do planejamento. Cadernos de Saúde Pública 1993, v.9, n. 2, p. 190-200.

CHAN, D. W. Hardiness and its role in the stress-burnout: relationship among prospective Chinese teachers in Hong Kong. Teaching and Teacher Education 2003; v. 19, p.381-395.

CHAN, A.O.; HUAK, C.Y. Psychological impact of the 2003 severe acute respiratory syndrome outbreak on health care workers in a medium size regional general hospital in Singapore. Occupational Medicine 2004, v. 54, p. 190-196.

CRUZ, G.B. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. Educar 2007; n. 29, p. 191-205.

DEJOURS, C.; MOLINIER, P. Le travail comme énigme. Sociologie du Travail, 1994; v.2, p.35-44.

DELCOR N.S. et al. Condições de trabalho e Saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2004: v. 20, n. 1, p. 187-203.

DERRIENIC F., TOURANCHET A., VOLKOFF S. *Âge, travail, santé. Études sur les salariés âgés de 37 à 52 ans*. Paris: Éditions de l'INSERM, 1996.

DRAGONE, M.L.S.; SICHIROLLI, S.; REIS, R.; BEHLAU, M. O desgaste vocal do professor: um estudo longitudinal. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia 1999; , v. 3, n. 5, p. 50-56, jun.1999.

DUFFY, O. M.; HAZLETT, D. E. The impact of preventive voice care programs for training teachers: a longitudinal study. Journal of Voice 2004, v. 18, n. 1, p. 63-79, 2004.

EASHW - European Agency for Safety and Health at Work. The changing world of work. Magazine of the European Agency for Safety and Health at Work, 2000. Disponível em http://osha.europa.eu/publications/magazine). Acesso em 22 abr. 2008

ESTEVE, J. M. 1999. *Malestar docente*. Barcelona: Paidós.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. 2006. Prevalência de transtornos mentais comuns entre professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Cadernos de Saúde Pública 2006, v.22, n. 12, p.2679-2691.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa 2005; v.31, n.2, p. 189-199.

IRSST – Institut de Recherche Robert-Sauvé en Santé et en Sécurité du Travail. Conditions de travail, de santé et de sécurité des travailleurs du Québec. Rapport, 2006.

JARDIM, Renata; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada A. 2007. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. Cadernos de Saúde Pública 2007, vol.23, n.10, p.2439-2461.

LUVIANELLO, L.; ASSUNÇÃO, A.A.; GAMA, A.C.C. O uso da voz em sala de aula após o adoecimento vocal. In: VI Seminário da Rede Latino-Americana de Estudos sobre Trabalho Docente, 2006, Rio de Janeiro. CD-ROM: REDESTRADO., 2006.

MARTÍNEZ, Deolidia. 2003. Estudos do trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila A. (Org.) *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 75-85.

MEDEIROS, A.M. BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. Voice disorder (dysphonia) in public school female teachers working in Belo Horizonte: prevalence and associated factors. Journal of Voice 2007; v.1: p. 11-21.

MILES, M.B.; HUBERMAN, A.M. Qualitative data analysis. Thousand Oak; London; New Delhi: SAGE, 1994.

NEVES, Mary Y.R.; SILVA, Edith S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2006; v. 6, n. 1, p. 63-75.

NORONHA, M.M.B.; ASSUNÇÃO, A.A.; OLIVEIRA, D.A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de montes claros, MG. Revista Trabalho, Educação e Saúde 2008; v. 6, n. 1, p. 65-86.

OLIVEIRA, D.A. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In_____ *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 13-35.

PEREIRA, M.J.; SANTOS, T.M.M.; VIOLA, I.C. Influência do ruído em sala de aula sobre a performance vocal do professor. *In:* FERREIRA, L. P.; COSTA, H. O. *Voz ativa: falando sobre o profissional da voz.* São Paulo: Roca, 2000, cap. 4, p. 57-77.

PORDEUS, A.M.J.; PALMEIRA, C.T.; PINTO, V.C.V. Inquérito de prevalência de problemas da voz em professores da Universidade de Fortaleza. Pró-fono 1996; v. 8, n. 2, p. 25-30, set. 1996.

PORTO, L.A.; REIS, I.C.; ANDRADE, J.M.; NASCIMENTO, C.R.; CARVALHO, F.M. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo Centro de Estudos da saúde do Trabalhador (CESAT). Revista Baiana de Saúde Pública 2004; v. 28, n.1, p. 33-49.

REIS, E. J. F.B. *et al*. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2005; v. 21, n.5, p.1480-1490.

SALANOVA, M.; LLORENS, S.; GARCIA-RENEDO, M. 2003. ¿Por qué se están "quemando" los Profesores? Revista del Instituto Nacional de Seguridad e Higiene en el Trabajo 2003, n. 28, p. 16-20.

SAUTIER S.L, HURRELL J.R., J.J., MURPHY L.R., LEVI L. Factores psicosociais y de organizacion. In: Enciclopedia de salud y seguridad en el trabajo. Organização Internacional do Trabalho; v II, 34:1-19. www.mtas.es/insht/Enc OIT/tomo2.htm. Available in 20/02/2005.

SCHONFELD, I.S. Stress in 1st-Year Women Teachers: the Context of Social Support and Coping. Genet Soc Gen Psychol Monogr 2001; v.127, n.2, p.133-168.

SILVANY-NETO, A. M. S.; ARAÚJO, T. M.; DUTRA, F. R. D.; AZI, G.R.; ALVES, R.L. KAVALKIEVICZ, C.; REIS, E. J. F. B. Condições de trabalho e saúde de professores da rede particular de ensino de Salvador, Bahia. Revista Baiana de Saúde Pública 2000; v. 24, n. 1/2, p. 42-56.

SIMÕES, M.; LATORRE, M. R. D.; BITAR, M. R. Uso profissional da voz por educadores de creches: achados preliminares. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2000; v. 5, n.7, p. 28-35.

SMITH, E.; LEMKE, J.; TAYLOR, M.; KIRCHNER ,L.; HOFFMAN, H. Frequency of voice problems among teachers and others occupations. Journal of Voice, 1998; v. 12, n. 4, p. 480-488.

TENNANT, C. () Work-related stress and depressive disorders. Journal of Psychosomatic Research, 2001; v. 1, p 697– 704.

THIBEAULT, S. L.; MERRILL, R. M.; ROY, N.; GRAY, S. D.; SMITH, E. M. Occupational risk factors associated with voice disorders among teachers. Ann Epidemiol, 2004, n. 14, p. 786-792.